DIPLOMACIA

A "paz" sobre a mesa

Donald Trump, Vladimir Putin e Xi Jinping participam de reunião trilateral inédita para debater também a "estabilidade estratégica" nas relações entre Estados Unidos, Rússia e China. Controle de armas nucleares deve entrar na pauta do encontro em Shenzhen

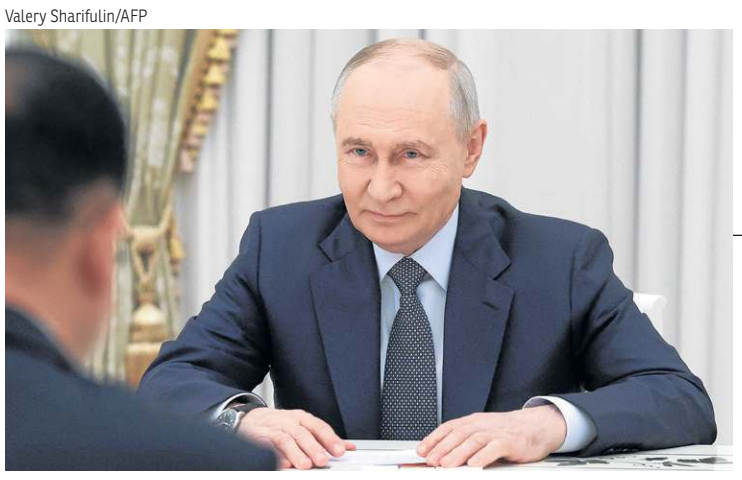
» RODRIGO CRAVEIRO

AFP



Xi (E) e Trump na sacada do Salão Azul da Casa Branca, durante visita do líder chinês a Washington, em setembro passado

Valery Sharifulin/AFP



Conversa com autoridade norte-coreana
O presidente russo, Vladimir Putin, se reuniu com uma autoridade de alto escalão da Coreia do Norte antes de sua viagem à China, informou o Kremlin. Kiev e o Ocidente afirmam que Pyongyang enviou armas a Moscou ao longo da guerra, iniciada com a invasão russa à Ucrânia em 2022. A Coreia do Norte se consolidou como um dos principais aliados da Rússia desde 2024, quando começou a enviar tropas para combater as forças ucranianas na região russa de Kursk. Jo Yong Won, assessor do ditador norte-coreano, Kim Jong-un, visitou Moscou ontem, antes da reunião que Vladimir Putin terá com o presidente chinês, Xi Jinping, e seu homólogo americano, Donald Trump. "Nunca esqueceremos o heroísmo dos combatentes coreanos que lutaram lado a lado com os militares russos", disse Putin à autoridade norte-coreana.

Na próxima quinta-feira, a cidade de Shenzhen, no sul da China, será palco de uma reunião trilateral sem precedentes entre os principais líderes do planeta: Donald Trump, Xi Jinping e Vladimir Putin. Os presidentes dos Estados Unidos, da China e da Rússia serão os protagonistas do encontro que terá o objetivo de debater a "paz mundial". O evento ocorrerá à margem da cúpula do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), organização que envolve 21 países e entidades econômicas — como Taiwan e Hong Kong.

Os poucos detalhes da reunião foram divulgados pela anfitriã e pelos EUA. Mao Ning, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, anunciou que Xi, Trump e Putin manterão "trocas profundas sobre a preservação da paz mundial e a promoção da estabilidade estratégica nas relações entre as grandes potências". Apesar da proposta do encontro, dois dos países envolvidos — Rússia e Estados Unidos —estão ou estiveram envolvidos, recentemente, em conflitos. Moscou prossegue com a campanha militar na Ucrânia, e Washington não descarta retomar a ofensiva contra o Irã. Tanto que enviou um terceiro porta-aviões, o USS Abraham Lincoln, ao Oriente Médio.

Em declaração na Casa Branca, Donald Trump disse a repórteres que deverá incluir a desnuclearização, a guerra contra o Irã, a economia, o comércio e a Ucrânia na agenda de diálogo. O republicano chegou a referir-se ao país de Volodymyr Zelensky como "meu tema favorito". Mais cedo, segundo a emissora britânica BBC, autoridades americanas afirmaram que Trump não falaria sobre o conflito entre Moscou e Kiev. "A Ucrânia e a Rússia estão perdendo 25 mil soldados por mês. Então, falaremos sobre isso", garantiu Trump, que também não descartou retomar conversas com o ditador da Coreia do Norte, Kim Jong-un. "Estaremos com o presidente Xi (...) também nos reuniremos com o presidente Putin e poderíamos nos reunir com Kim Jong-un", declarou.

Por sua vez, o Kremlin tratou de lançar um balde de água fria sobre os mais otimistas. "A importância e o simbolismo desse encontro são difíceis de serem superestimados", afirmou, por meio de nota.

Segundo a agência de notícias France-Presse (AFP), diplomatas de alto escalão de Pequim e de Washington levantaram a possibilidade de que reunião inclua o tema do controle de armas nucleares. Os EUA defendem que a China assine um acordo a respeito. "Se os três presidentes se comprometerem verdadeiramente com uma desnuclearização significativa, será um grande avanço para o mundo", admitiu o secretário-geral da ONU, António Guterres. "Defendemos há muito tempo a necessidade do desarmamento nuclear e acreditamos que só estaremos totalmente seguros quando nos livrarmos por completo das armas nucleares", disse, durante cúpula da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), nas Filipinas.

"Marcante"

"Uma reunião trilateral entre líderes das três grandes potências é sempre muito marcante. Isso demonstra que, apesar das dificuldades, Trump tem na política externa um ganho, no sentido de recuperar essa diplomacia de cúpula. Acho isso importante, não só pelo simbolismo, mas como um reconhecimento, de parte dos EUA, de que existem mudanças no sistema internacional e que eles estão atentos", explicou ao **Correio** Cristina Pecequilo, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Segundo ela, Trump tenta mostrar liderança e iniciativa. "De certa forma, há uma sinalização da aceitação da multipolaridade, por parte do presidente americano", observou.

Pecequilo vê o interesse dos EUA no encerramento do conflito entre Rússia e Ucrânia. "A presença da China nessa reunião é uma forma de barganhar com Putin o fim da guerra, ainda que a União Europeia e a Ucrânia caminhem por outras vias. Outra questão é a guerra entre Irã e Israel. Não espero muitos resultados concretos, mas creio que essas questões estarão postas sobre a mesa", afirmou. "A Rússia, a China e os EUA querem ver o encerramento do conflito com o Irã. Ao mesmo tempo, as três nações estão interessadas na paz na Ucrânia."

De acordo com a professora da Unifesp, Trump é quem mais tem a ganhar com a reunião trilateral, depois da derrota eleitoral de 3 de novembro. "Em segundo lugar, vem a Rússia, ao mostrar que Putin ainda tem um lugar à mesa com as duas maiores potências globais. Por fim, a China, que, talvez, precise de menos validação diante da comunidade internacional e de seu público interno, embora seja importante para Pequim estar à frente desse processo na região da Ásia-Pacífico", explicou Pecequilo.

Resultados modestos

Na opinião de Alexandre Uehara, professor de relações internacionais da ESPM, os resultados do encontro deverão ser modestos. "Trump acaba de sofrer uma derrota histórica nas eleições de meio de mandato (midterms), apresenta baixa popularidade pela inflação e pela guerra no Irã. Agora está buscando alguma 'vitória' diplomática, mas não deve conseguir compromissos muito concretos", disse à reportagem. "No caso de Putin, as condições domésticas também não são muito boas, dado que a guerra com a Ucrânia se estende muito mais do que o esperado e com custos elevados. Além disso, ele sofre de um isolamento internacional. A vantagem desse encontro e a tentativa de reduzir esse isolamento."

Quanto à China, Uehara não vê o interesse de Xi em colocar à mesa uma negociação do conflito Rússia-Ucrânia. "Ele tem ciência das dificuldades e mantém relações próximas com Rússia. O outro tópico apontado na pauta pelos EUA, a limitação dos arsenais nucleares, também não parece motivar o presidente chinês."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O simbolismo do encontro entre líderes mundiais é sempre marcante para as relações internacionais. No momento atual, quem mais se beneficia da reunião é Trump. É uma forma de ele tentar dar a volta por cima, depois das eleições de meio de mandato. Ele quer mostrar que a derrota nas urnas, bastante significativa, não mudará os rumos da sua Presidência. A reunião coloca Trump ainda como presidente daqueles que muitos consideram como o país mais poderoso do mundo."

CRISTINA PECEQUILO, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

VISITA PAPAL

Compromisso no adeus

O papa Leão XIV embarcou de volta para Roma, ontem, depois de celebrar uma missa multitudinária em Lima, na despedida da emotiva visita à América do Sul, que dissipou as dúvidas sobre sua recuperação de uma cirurgia para extirpar um câncer de pulmão, e deu destaque à prioridade da justiça social em seu pontificado, iniciado há um ano e meio. O pontífice, de 71 anos, visitou durante 12 dias o Uruguai, a Argentina e o Peru, onde morou por quase duas décadas e obteve a cidadania. A agenda exigia muito do visitante, e muitos duvidavam que ele conseguiria cumpri-la, um mês depois da operação.

Em meio a gritos de fervor, pelo menos 1,5 milhão de fiéis receberam o papa na base aérea de Las Palmas, na capital peruana, onde ele celebrou a missa de despedida. Um decenário, pequeno bracelete de devoção católica, foi atirado do público e acertou o olho de Leão XIV quando ele chegava para abordar o papamóvel. O incidente não alterou o tom do discurso, nem o humor do líder religioso. "Minha viagem termina, mas o tempo da missão continua", disse, na homilia. "Quero assegurar que os levarei sempre comigo. Sim, o povo peruano também é meu povo!", exclamou, em forma de despedida do país que dias antes chamou de "minha pátria", arrancando aplausos dos fiéis.

Hugo Dávila, um professor peruano de 54 anos, assistiu à cerimônia acompanhado da esposa. "Ele (Leão XIV) se tornou peruano, e, quando for embora, vai fazer falta como o compatriota que é", disse à agência internacional de notícias France-Presse (AFP). "Esperamos que ele volte, mas ele tem uma missão no mundo", declarou Marylin Nieves, 42 anos, que aguardou o papa no local da despedida desde o início da madrugada de ontem.

Multidões

Na última etapa da viagem, Leão XIV, nascido em Chicago, nos Estados Unidos, atravessou um país onde já havia atuado como missionário. Durante a visita à América do Sul, o líder de 1,4 bilhão de católicos do mundo fez discursos contundentes e pressionou dirigentes políticos — como o presidente argentino, Javier Milei, ao insistir que o crescimento deve beneficiar a todos. Falou, também, em defesa dos pobres, dos idosos e das pessoas com deficiência.

Ter conseguido fazer a viagem demonstrou a "incrível fortaleza e determinação" do papa, a quem as pessoas tinham "subestimado" em grande medida, disse a especialista em Vaticano Elise Ann Allen, que escreveu uma biografia sobre Robert Prevost — o nome de batismo de Leão XIV. "Também estamos vendo o papa missionário como nunca o tínhamos visto antes", disse à AFP.

Simone Risoluti/Vatican Media/AFP



O papa acena na despedida da "segunda pátria": viagem emocional à América do Sul

No Uruguai, o país mais desenvolvido da região, o pontífice se aventurou no bairro mais perigoso de Montevidéu para chamar a atenção para as mortes de crianças vítimas do narcotráfico, e condenou a violência contra as mulheres. Na Argentina, atraiu um total de 6 milhões de pessoas nas missas. As cerimônias em Buenos Aires e Luján, com mais de 2,5 milhões de fiéis cada uma, são maiores de seu pontificado, até o momento.

Amazônia

Para o papa, o momento mais emocionante da viagem foi a volta às áreas onde atuou como bispo. Do deserto aos Andes, multidões repetiram em coro "O papa é peruano", e velhos amigos lhe deram as boas-vindas. Como tinha acontecido na Argentina, o pontífice reuniu-se com vítimas de abusos cometidos por membros do clero, e pediu respostas com "reparação".

A parte fisicamente mais exigente da viagem incluiu, no mesmo dia, o deserto de Chiclayo e a Amazônia. Em Pucallpa, Leão XIV disse que a destruição do meio ambiente ameaça a floresta e as pessoas que dela dependem, e denunciou o abandono inaceitável das comunidades indígenas: "O sangue desses irmãos clama a Deus e pede justiça aos homens".